

CONTEXTOS DE PRÁTICA NA FORMAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE DO VOLEIBOL BRASILEIRO

PRACTICE CONTEXT ON SPORT DEVELOPMENT OF ELITE BRAZILIAN VOLLEYBALL ATHLETES

Carine Collet¹, Alexandra Folle¹, Sergio José Ibáñez² e Juarez Vieira do Nascimento³

¹Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil.

²Universidad de Extremadura, Cáceres, Espanha.

³Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil.

RESUMO

Os contextos de prática esportiva são importantes elementos que influenciam na formação esportiva de crianças e jovens. Assim, o objetivo desse estudo foi analisar os contextos de prática esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro, a partir da verificação dos locais de prática e de variáveis sociodemográficas (sexo, estágio da formação esportiva, categoria de formação) que pudessem influenciar na inserção a esses ambientes. Participaram desse estudo retrospectivo 121 atletas, integrantes e ex-integrantes das seleções brasileiras nos naipes masculino e feminino. Os dados foram coletados a partir do Instrumento de Análise da Formação Esportiva no Voleibol (IAFEV) e analisados pela estatística descritiva (frequência bruta e relativa) e inferencial (Regressão Logística Multinomial). Os resultados revelaram associação significativa dos locais de prática com o sexo [$X^2(3)=8.387; p=0,039$], os estágios [$X^2(6)=52.709; p<0,001$] e as categorias de formação [$X^2(9)=22.297; p=0,008$], evidenciando-se que os atletas investigados praticavam, ao longo de sua formação esportiva, as atividades físicas e esportivas em ambientes mais estruturados, como clubes e academias, principalmente durante os anos de especialização e de investimento. Além disso, a prática nos clubes destacou-se entre as atletas do sexo feminino e entre os atletas pertencentes às categorias mais jovens, revelando aspectos específicos que podem influenciar na escolha dos ambientes de prática.

Palavras-chave: Esporte para jovens. Desenvolvimento esportivo. Contextos apropriados.

ABSTRACT

The contexts of sports practice are important elements that influence the sports development of children and young people. Thus, the aim of this study was to analyze the contexts of sports practice of elite Brazilian volleyball athletes, based on the verification of practice contexts and sociodemographic variables (gender, development stage and training category) that could influence the insertion on these environments. In this retrospective study, 121 athletes, members and former members of Brazilian national teams participated in the male and female suits. Data were collected from the Instrument for Analysis of Sports Development in Volleyball (IAFEV) and analyzed by descriptive statistics (gross and relative frequency) and inferential statistics (Multinomial Logistic Regression). The results revealed a significant association between practice sites and development stage [$X^2(6) = 52,709; p < 0,001$], sex [$X^2(3) = 8,387; p = 0.039$] and category [$X^2(9) = 22,297; p = 0.008$], showing that the athletes practiced, throughout their sports development, physical and sports activities in more structured environments, such as clubs and gyms, especially during the specialization and investment years. In addition, the practice in clubs stood out among female athletes and among athletes belonging to the younger categories, revealing specific aspects that can influence the choice of practice environments.

Keywords: Youth sports. Sport development. Appropriate settings.

Introdução

O longo e complexo processo de formação esportiva vem sendo estudado de maneira a identificar quais caminhos levam a resultados adequados. Modelos internacionalmente reconhecidos têm sido utilizados para determinar a melhor maneira de formar atletas profissionais ou praticantes ao longo da vida¹⁻⁴. Tais modelos definem a trajetória de atletas de sucesso nos países em que foram desenvolvidos, porém, essa investigação no Brasil, mais especificamente no voleibol, merece maior aprofundamento. A literatura apresenta poucas informações sobre os atletas de elite do voleibol brasileiro, principalmente sobre fatores que identifiquem um processo sistematizado de preparação desses atletas, relacionados aos contextos de prática e fatores intervenientes da formação esportiva em longo prazo.

Os contextos de prática correspondem a um dos elementos dinâmicos que são influenciadores da formação esportiva⁴, tendo em vista a importância do envolvimento em contextos adequados⁵⁻⁷. Os contextos adequados são aqueles que promovem o desenvolvimento de características pessoais, iniciativa, saúde, *performance* e aspectos relacionados ao desenvolvimento positivo de jovens (competência, confiança, conexão e caráter), de modo a facilitar o alcance dos objetivos em longo prazo, especialmente aqueles relacionados à melhoria do desempenho, da participação esportiva e do desenvolvimento pessoal⁴. Tais contextos podem ser mais ou menos estruturados e específicos, suas características podem variar desde a ampla oportunidade de prática de atividades físicas livres e espontâneas (ruas, parques, praças, praias...) até locais com estrutura e equipamentos específicos de uma determinada modalidade esportiva (clube, escola, academia...). Juntamente com o engajamento pessoal em atividades físicas e esportivas e com as relações interpessoais estabelecidas durante o processo, os contextos de prática esportiva podem influenciar a escolha e a permanência no envolvimento com o esporte.

As características físicas e sociais dos locais de prática interferem nas relações estabelecidas e nas oportunidades de prática que estão disponíveis. Todos eles devem ser vistos como potenciais ambientes de formação esportiva. Um estudo realizado com uma equipe feminina de voleibol da seleção brasileira de base revelou que a formação das atletas resultou do somatório dos estímulos ocorridos em contextos formais (clubes e escolas com professores/treinadores dirigindo as atividades) e não formais (em grupos de amigos brincando livremente)⁸. As vivências nesses locais diversificados deve promover uma cultura da participação e da *performance* no esporte, pois os papéis da Educação Física e do esporte escolar, do esporte recreacional e do esporte de desempenho devem estar inter-relacionados, pois o desenvolvimento isolado desses programas se torna muito caro e não-efetivo¹.

Apesar da necessidade de uma formação esportiva ampla, diferentes oportunidades esportivas se apresentam de acordo com o sexo. Diferentes padrões de participação esportiva entre os sexos têm sido encontrados em muitos estudos, tanto abordando a atividade física e esportes em geral^{9,10}, quanto em estudos com o voleibol^{11,12}. As diferenças nos padrões de participação podem ser explicadas, principalmente, por questões históricas e socialmente construídas^{13,14}. As maiores oportunidades esportivas são oferecidas ao sexo masculino, enquanto que a participação feminina no esporte já passou por proibições legais, preconceitos e obstáculos que dificultaram e ainda influenciam no seu desenvolvimento^{15,16}.

De maneira geral, o processo de formação de atletas de elite e de praticantes de esportes ao longo da vida passa por diferentes estágios com características predominantes em cada um deles e que, apesar de não apresentarem uma idade fixa de transição, ocorrem de acordo com faixas etárias sequenciais. Tais estágios estão relacionados à diversificação inicial no envolvimento com as atividades em ambientes não estruturados ou específicos (anos de diversificação - até 12 anos), ao início da especialização em uma modalidade, mesclando ambientes não estruturados com ambientes específicos de uma modalidade (anos de especialização - 13 a 15 anos) e à dedicação a uma modalidade específica, em ambientes estruturados, voltados ao desenvolvimento da alta performance (anos de investimento - 16 a 18 anos)^{2,3,17}. A partir desse último estágio, ocorre o aperfeiçoamento e a manutenção dos altos níveis de desempenho em uma modalidade, exigido pelo processo de profissionalização do esporte ou então pela prática cotidiana voltada para a satisfação pessoal, o lazer e a manutenção dos benefícios para a saúde e o bem-estar.

A evolução do esporte e, conseqüentemente, dos contextos de prática esportiva tem acompanhado a evolução histórica e cultural da sociedade, influenciando, inclusive diferenças nos padrões de prática de acordo com a faixa etária dentro de cada categoria esportiva. O esporte moderno foi se tornando uma possibilidade de profissionalização e espetacularização para então se tornar o fenômeno multifacetado e contemporâneo que hoje se apresenta¹⁸. Essa evolução

tem influenciado na maneira com que as pessoas veem e se envolvem com o esporte, inclusive na sua configuração enquanto patrimônio da sociedade, alterando os contextos prioritariamente escolhidos e oportunizados para a sua prática.

A elevada qualidade do voleibol no Brasil e as conquistas internacionais das seleções brasileiras destacam a importância de entendimento do processo formativo desses atletas, no sentido de estabelecer indicadores que favorecerão a formação de novos atletas. Poucos estudos^{8,19-21} são encontrados quando se trata especificamente da carreira esportiva de atletas de voleibol, principalmente no contexto brasileiro e com atletas de elite da modalidade. Assim, há a necessidade de realização de estudos que contemplem o processo de formação esportiva a partir de seus diferentes elementos dinâmicos, tendo em vista que as diferenças socioculturais influenciam diretamente nos contextos de prática esportiva.

Assim, o objetivo desse estudo foi analisar os contextos de prática esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro, a partir da verificação dos locais de prática e de variáveis sociodemográficas e contextuais (sexo, estágio da formação esportiva e categoria de formação) que pudessem influenciar na inserção a esses ambientes.

Métodos

Participantes

O estudo foi realizado na modalidade voleibol, com atletas de elite jovens e adultos, integrantes e ex-integrantes (aposentados) das seleções brasileiras nos naipes masculino e feminino, correspondendo aos melhores atletas de voleibol do Brasil em suas categorias no momento da coleta de dados. Especificamente, participaram do estudo 121 atletas pertencentes às seleções femininas das categorias sub18 (n=18), sub20 (n=22) e sub23 (n=19), masculinas das categorias sub19 (n=19), sub21 (n=19), bem como das seleções adultas feminina (n=4) e masculina (n=1) e atletas masculinos que já encerraram a carreira esportiva (n=19).

Os atletas das categorias de base e adultas pertenciam às seleções específicas de cada categoria no momento da coleta de dados (julho e agosto de 2016) e preparavam-se para os campeonatos sul-americanos e mundiais de voleibol. Os atletas que já encerraram a carreira esportiva faziam parte de diferentes grupos no passado, todos participantes de torneios internacionais (n=19). Dentre eles, estavam campeões olímpicos e/ou mundiais (n=3), medalhistas olímpicos (n=4) e medalhistas Pan-Americanos (n=8). Os não medalhistas fizeram parte de grupos que ficaram entre 5º e 8º lugar em diferentes edições dos Jogos Olímpicos (n=4). Os atletas masculinos da categoria sub-23 não participaram do estudo em virtude de já terem encerrado as convocações no ano de 2016 nos momentos em que foram coletados os dados das demais seleções.

Tabela 1. Perfil dos atletas de elite do voleibol brasileiro

	n	%
Sexo		
Feminino	63	52,1
Masculino	58	47,9
Categoria (média de idade)		
Infanto-juvenil (16,24±0,74 anos)	37	30,6
Juvenil (17,97±0,99 anos)	41	33,9
Sub23 e Adulta (22,51±4,61 anos)	24	19,8
Aposentados (60,2±8,81 anos)	19	15,7
Total de atletas participantes do estudo	121	100

Fonte: Os autores

Procedimentos

Inicialmente, foi realizado o contato com os dirigentes da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) para viabilizar a realização da pesquisa junto aos atletas das seleções. Após a afirmativa ao contato inicial e a autorização para a realização da pesquisa, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC, parecer número 1.450.060/2016). Os atletas estavam cientes dos objetivos e dos propósitos da pesquisa e concordaram em participar do estudo, a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (no caso dos atletas maiores de 18 anos). Os atletas menores de 18 anos assinaram o Termo de Assentimento, acompanhado da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos seus responsáveis.

Para a coleta de dados utilizou-se o Instrumento de Análise da Formação Esportiva no Voleibol - IAFEV²², o qual é dividido em duas partes: a primeira parte contém 18 itens relacionados ao perfil sociodemográfico dos atletas, enquanto a segunda parte contém 12 questões, subdivididas em: infância (até 12 anos); pré-adolescência (13 a 15 anos); e adolescência (16 a 18 anos), as quais correspondem aos estágios da formação esportiva¹⁷. Em cada estágio, as questões abordam os elementos dinâmicos da formação esportiva^{4,23}, relacionados às características das atividades realizadas, às relações interpessoais e aos contextos de prática esportiva. No presente estudo, foram utilizadas as informações relacionadas aos contextos de prática esportiva (locais de prática como clubes, academias, escolas e ginásios municipais voltados para a prática sistematizada e orientada por professores ou treinadores, bem como ruas, praças e praias voltadas para a prática livre e espontânea), aos estágios de formação, ao sexo e à categoria esportiva.

O processo de validação de conteúdo, estabilidade e consistência interna do instrumento^{24,25} revelou altos índices em todos os aspectos. A validação de conteúdo realizada por meio da avaliação de especialistas obteve o Índice de Validade do Conteúdo V Aiken²⁶ de 91. A estabilidade foi significativa em 77 dos 78 itens e a consistência interna apresentou coeficiente $\alpha > .70$ em 77 dos 78 itens do questionário²².

Análise estatística

Os dados obtidos a partir das questões relacionadas aos contextos de prática esportiva foram cadastrados em planilhas de cálculo e agrupados em categorias para análise a partir da frequência bruta, relativa e análises estatísticas. Os dados foram categorizados de acordo com o sexo, os estágios da formação esportiva¹⁷ e as categorias esportivas (Quadro 1).

Quadro 1. Categorização das variáveis do estudo acerca do contexto esportivo

Variável	Categorização	Dados
Sexo	1) Feminino	Feminino
	2) Masculino	Masculino
Estágios da formação esportiva	1) Anos de diversificação	Faixa etária até 12 anos
	2) Anos de especialização	Faixa etária de 13 a 15 anos
	3) Anos de investimento	Faixa etária de 16 a 18 anos
Categorias esportivas	1) Infante-juvenil	Categorias sub18 e sub19
	2) Juvenil	Categorias sub20 e sub21
	3) Adulta	Categoria adulta e sub23
	4) Aposentados	Já encerraram a carreira esportiva como atletas

Fonte: Os autores

A análise estatística inferencial dos dados foi realizada por meio da Regressão Logística Multinomial do Programa *SPSS for Windows*, adotando-se o nível de significância de 5%.

Utilizou-se como variável principal (dependente) o local de prática esportiva, associado às variáveis (independentes) estágio de formação, sexo e categoria esportiva.

Resultados

Os atletas de elite do voleibol brasileiro destacaram o envolvimento em diferentes contextos de prática de atividades físicas e esportivas, como clubes, academias, escolas e ginásios municipais, bem como ruas, praças e praia. De maneira geral, os dados descritivos revelaram que os atletas praticavam atividades físicas e esportivas em ambientes, preferencialmente, mais estruturados, sistematizados e orientados por um professor ou treinador, como clubes e academias, com destaque para sexo feminino, nos anos de especialização e de investimento e pertencentes às categorias infanto-juvenil e juvenil (Tabela 2).

Tabela 2. Frequência percentual da distribuição dos locais de prática de atividades físicas e esportivas dos atletas de elite do voleibol brasileiro

	Clube / academia (%)	Escola (%)	Rua / praça / praia (%)	Ginásio municipal (%)	Total (%)
Sexo					
Feminino	60,4	23,9	11,4	4,3	100
Masculino	44,0	27,4	23,1	5,5	100
Estágio de formação					
Anos de diversificação	35,4 (F=52; M=48)	33,0 (F=48,6; M=51,4)	26,9 (F=38,6; M=61,4)	4,7 (F=40; M=60)	100 (100)
Anos de especialização	53,7 (F=53,2; M=46,8)	26,6 (F=38,9; M=61,1)	14,8 (F=16,7; M=83,3)	4,9 (F=40; M=60)	100 (100)
Anos de investimento	68,5 (F=50,4; M=49,6)	15,8 (F=23,1; M=76,9)	10,3 (F=11,8; M=88,2)	5,5 (F=33,3; M=66,7)	100 (100)
Categoria					
Infanto-juvenil	54,7	26,7	16,1	0,7	100
Juvenil	55,7	24,1	14,9	5,2	100
Adulta	57,4	26,9	9,3	6,5	100
Aposentados	36,5	26,3	30,7	6,6	100

Nota: F= percentual de atletas do sexo feminino; M= percentual de atletas do sexo masculino

Fonte: Os autores

Os dados descritivos apresentam também algumas diferenças nos padrões de locais de prática entre os sexos durante os estágios da formação esportiva, principalmente no que se refere à prática nas ruas, praças e praias. Nos anos de diversificação, os atletas do sexo masculino (61,4%) participavam de mais atividades nesses contextos do que as atletas do sexo feminino (38,6%), sendo que essa diferença se intensifica nos estágios de formação subsequentes (F=16,7% e M=83,3% e F=11,8% e M=88,2%, respectivamente).

Quando realizadas as análises inferenciais (Tabela 3), os resultados revelaram que, de maneira geral, houve associação significativa dos locais de prática com o estágio da formação [$\chi^2(6)=52.709$; $p<0,001$], o sexo [$\chi^2(3)=8.387$; $p=0,039$] e a categoria [$\chi^2(9)=22.297$; $p=0,008$].

Tabela 3. Associação das variáveis com os locais de prática esportiva de atletas de elite do voleibol brasileiro

Variável	Rua vs Clube / academia		Rua vs Escola		Rua vs Ginásio municipal	
	RO (IC95%)	p	RO (IC95%)	p	RO (IC95%)	p
Sexo						
Feminino	2,14 (1,08-4,26)	0,029	1,19 (0,57-2,49)	0,638	0,76 (0,20-2,90)	0,691
Masculino	1,00		1,00		1,00	
Estágio de formação						
Anos de diversificação	0,16 (0,08-0,31)	0,000	0,70 (0,34-1,45)	0,338	0,26 (0,09-0,83)	0,022
Anos de especialização	0,53 (0,27-1,05)	0,068	1,16 (0,54-2,50)	0,710	0,58 (0,19-1,79)	0,342
Anos de investimento	1,00		1,00		1,00	
Categoria						
Infanto-juvenil	2,91 (1,41-6,03)	0,004	1,91 (0,89-4,13)	0,099	0,31 (0,07-1,39)	0,125
Juvenil	3,01 (1,41-6,42)	0,004	1,81 (0,82-4,03)	0,145	0,87 (0,22-3,44)	0,841
Adulta	3,33 (1,20-9,28)	0,021	2,99 (1,01-8,84)	0,048	1,86 (0,35-9,88)	0,469
Aposentados	1,00		1,00		1,00	

Fonte: Os autores

Nos primeiros anos de envolvimento com atividades físicas e esportivas, denominado de anos de diversificação, observou-se equilíbrio entre a prática no clube (35,4%) e na escola (33%), porém a prática no clube foi se intensificando na sequência dos estágios (53,7% e 68,5%, respectivamente). Os resultados inferenciais evidenciaram que, nos anos de diversificação, os atletas tinham menos chances de praticar atividades físicas e esportivas em clubes (0,16) e em ginásios municipais (0,26) do que na rua, comparados aos anos de investimento. Quando comparados os sexos, observou-se maior prática nos ambientes mais estruturados (clube e escola) entre as mulheres, o que representa que as elas tinham 2,14 vezes mais chances de praticar atividades físicas e esportivas no clube do que na rua, quando comparados com o sexo masculino. Em contrapartida, os homens apresentaram frequência relativamente maior de prática na rua do que as mulheres.

Com relação às diferentes categorias esportivas, observou-se maior prática nos clubes entre os atletas das categorias mais jovens (54,7%, 55,7% e 57,4%, respectivamente), enquanto os atletas que já encerraram a carreira esportiva praticavam mais atividades nas ruas (30,7%) do que os atletas mais novos. Tais diferenças foram significativas, sendo que os atletas das categorias mais jovens têm mais chances (2,91, 3,01 e 3,33, respectivamente) de praticar atividades nos clubes do que na rua quando comparados com os atletas que já encerraram a carreira esportiva. Além disso, os atletas da categoria adulta apresentaram mais 2,99 chances de praticar atividades nas escolas fora dos horários de aula do que na rua quando comparados aos atletas que já encerraram a carreira esportiva.

Discussão

O objetivo do presente estudo foi analisar os contextos de prática como um dos elementos dinâmicos que influenciam no processo de formação esportiva. Para tanto, verificou-se os locais de prática de atividades físicas e esportivas relatados por atletas de elite do voleibol brasileiro, bem como as variáveis intervenientes desse processo. Nessa perspectiva, observou-

se que os atletas investigados praticavam, ao longo de sua formação esportiva, as atividades físicas e esportivas em ambientes mais estruturados, como clubes e academias, principalmente durante os anos de especialização e de investimento. Além disso, a prática nos clubes destacou-se entre as atletas do sexo feminino e entre os atletas pertencentes às categorias mais jovens (infanto-juvenil e juvenil).

Os atletas investigados no presente estudo destacaram a prática de atividades em clubes esportivos, principalmente no que se refere ao voleibol. Os clubes e as academias se constituem em ambientes mais formais, com estrutura e materiais específicos para a prática esportiva. O desenvolvimento esportivo ambientado nos clubes deve promover oportunidades para a busca da alta *performance*, mas também deve oportunizar grande diversidade de atividades para atrair e manter o maior número de crianças e jovens, visando a participação esportiva em longo prazo, como verificado no estudo com um clube de sucesso espanhol²⁷. Além disso, os clubes devem promover o bom relacionamento entre todos os envolvidos (atletas, treinadores, dirigentes, família e comunidade), proporcionando uma abordagem ecológica holística no ambiente de formação esportiva²⁸⁻³⁰.

Outro local de prática em destaque foi a escola, especialmente nos anos de iniciação esportiva e citado principalmente pelos atletas da categoria adulta. Neste contexto, destaca-se que na realidade brasileira, muitas escolas oferecem a prática de atividades no contraturno escolar, geralmente relacionadas ao treinamento de determinadas modalidades, com o intuito de aperfeiçoamento esportivo e de participação em competições escolares. Nesse caso, a prática esportiva no contraturno escolar, juntamente com as aulas de Educação Física, pode promover o desenvolvimento cognitivo e os benefícios educacionais imediatos³¹ e em longo prazo, auxiliar, inclusive, na manutenção da saúde mental quando adultos³².

Os ginásios municipais também se destacaram como uma possibilidade de prática no início da formação esportiva, tendo em vista que as políticas públicas tem o dever de ofertar e fomentar a prática esportiva e no Brasil as políticas públicas municipais para os esportes se destacam no processo de formação esportiva, nas mais diversas modalidades. O objetivo é ampliar as oportunidades de prática para que as pessoas desfrutem de tais espaços e dos benefícios da atividade física orientada por um profissional contratado pelos órgãos públicos. A importância desses espaços na formação esportiva foi destacada em estudo realizado com jogadoras de basquetebol no estado de Santa Catarina, a partir do oferecimento de recursos humanos (treinadores), financeiros (bolsas) e espaços físicos e materiais (ginásios municipais) para o treinamento de equipes esportivas. Na realidade investigada (município catarinense), as modalidades esportivas oferecem a participação em escolinhas por intermédio do Projeto Atleta do Futuro, visando a promoção da prática esportiva, especialmente para crianças durante a iniciação esportiva³³.

A prática esportiva nas ruas, nas praças e nas praias também foi destacada pelos atletas investigados. Esses locais constituem-se de ambientes democráticos, em que as atividades podem ser praticadas por diferentes grupos de pessoas, por se tratar de ambientes informais que visam, geralmente, a prática espontânea e o divertimento. Eles são ambientes propícios para o envolvimento com atividades não-estruturadas, como brincadeiras, jogos e esportes com pessoas de diferentes idades e com diferentes características, contribuindo para a interação social e o enriquecimento motor^{8,34-36}.

As oportunidades de prática e de acesso aos diferentes locais de prática esportiva devem ser amplas e democráticas, embora diferentes fatores possam influenciar na escolha desses locais. Quando comparados os sexos, observou-se maior prática nos ambientes mais estruturados (clube e escola) entre as mulheres e frequência relativamente maior de prática na rua entre os homens. Tal fato demonstra que as oportunidades de prática para o sexo feminino são, geralmente, em espaços predeterminados, enquanto o sexo masculino tem maiores oportunidade de prática em diferentes ambientes, inclusive quando se trata de espaços de jogo

deliberado^{37,38}. Muitos estudos têm evidenciado maiores oportunidades de prática e percepção de incentivo diferenciado entre os sexos, em que há uma sobrevalorização do esporte entre os homens e menor valorização quando se trata do esporte feminino^{9,10}.

Verificou-se também que na infância e nos primeiros anos da formação esportiva os atletas investigados vivenciaram maior distribuição no que se refere aos locais de prática, nomeadamente nos clubes, nas escolas e nas ruas. A mudança de comportamento relacionada aos locais de prática ao longo dos estágios da formação esportiva esteve relacionada com as características e o aumento das exigências específicas em cada estágio, em que se intensificou a prática em ambientes mais estruturados. Nesse caso, os resultados corroboram a indicação de que os anos iniciais do envolvimento com atividades físicas e esportivas devem contar com grande diversidade de prática em ambientes menos formais, passando para atividades mais estruturadas e em ambientes específicos de desenvolvimento esportivo para então atingir a alta *performance* ou a participação esportiva^{1,17,39}.

Com relação às diferentes categorias esportivas, observou-se maior prática nos clubes entre os atletas das categorias mais jovens, enquanto os atletas que já encerraram a carreira esportiva praticavam mais atividades nas ruas e no contraturno escolar do que os demais atletas mais novos. Apesar da necessidade de compreender o esporte como um fenômeno multifacetado, com amplas oportunidades e ambientes de prática¹⁸, as oportunidades atuais têm se concentrado nos ambientes estruturados de prática esportiva. As oportunidades de prática espontânea entre os jovens vêm diminuindo ao longo do tempo, tornando o clube e os ambientes formais espaços propícios para a prática de diferentes atividades, inclusive do desenvolvimento esportivo.

De maneira geral, apesar das diferenças encontradas com relação aos locais de prática, em todas as variáveis analisadas observou-se predominância da prática em clubes esportivos, provavelmente devido às características do voleibol, relacionadas à maior necessidade de estrutura específica para sua prática. Por se tratar de uma modalidade que necessita de uma rede para a divisão da quadra de jogo e de uma bola que, por ser rebatida, precisa de dimensões específicas, assim os clubes esportivos e as escolinhas de esportes se tornam os ambientes que melhor fornecem tais estruturas e materiais.

Culturalmente, as oportunidades de prática têm influenciado na escolha dos ambientes para a realização de atividades físicas e esportivas, seja pelo desenvolvimento das grandes cidades (diminuindo os ambientes de prática espontânea) ou pelas diferentes oportunidades quando se trata de homens e mulheres. Minimizar essas diferenças e ampliar as oportunidades de contextos, por meio do incentivo e de políticas públicas, torna-se fundamental para expandir e qualificar o processo de formação esportiva.

Embora o clube esportivo represente o ambiente mais propício para o desenvolvimento das modalidades esportivas, a ampliação dos ambientes de prática favorece o desenvolvimento de habilidades que vão além da especificidade do esporte. O contato com diferentes ambientes pode auxiliar no desenvolvimento de crianças e jovens, a partir da influência das características do ambiente, sejam elas mais estruturadas e específicas ou mais adaptáveis e espontâneas.

A principal limitação encontrada para o desenvolvimento do estudo foi o não acesso a alguns atletas de elite brasileiro, para maior representatividade da amostra. Neste caso, não ter conseguido acessar os atletas da categoria sub23, por esses já terem encerrado as convocações, no momento da coleta de dados, bem como os atletas adultos, por estes estarem em preparação para os Jogos Olímpicos.

Para a melhor compreensão da influência dos contextos de prática na formação esportiva, sugere-se a ampliação do estudo por meio da coleta em clubes esportivos de formação no voleibol, no intuito de identificar padrões de prática na modalidade. Além disso, a realização de estudos de cunho qualitativo, utilizando-se de instrumentos como entrevista e *timelime*

favorecerão o aprofundamento dos detalhes que envolvem a influência e a escolha de ambientes de prática esportiva entre os atletas de voleibol.

Conclusões

As evidências encontradas no presente estudo permitem concluir que os contextos de formação esportiva no voleibol brasileiro podem ser diferenciados, embora o contexto mais estruturado tenha apresentado destaque. Essa evidência teve destaque principalmente entre as atletas do sexo feminino, nos estágios finais da formação esportiva e entre os atletas mais jovens. De fato, o voleibol possui características específicas que fazem com que sua prática seja mais comumente realizada em ambientes fechados, estruturados e com materiais específicos, como é o caso do clube esportivo, porém não deve restringir-se a ele.

Referências

1. Côté J, Fraser-Thomas J. Youth involvement in sport. In: Crocker P, editor. Sport psychology: a Canadian perspective. Toronto: Pearson; 2007, p. 270-298.
2. Côté J, Abernethy B. A developmental approach to sport expertise. In: Murphy S, editor. The Oxford handbook of sport and performance psychology. New York: Oxford University Press; 2012, p. 435-447.
3. Côté J, Vierimaa M. The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. *Sci Sport* 2014;29:63-69. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.scispo.2014.08.133>.
4. Côté J, Turnnidge J, Vierimaa M. A personal assets approach to youth sport. In: Green K, Smith A, editors. Routledge Handbook of Youth Sport. New York: Routledge; 2016, p. 243-255.
5. Balish S, Côté J. The influence of community on athletic development: an integrated case study. *Qual Res Sport Exerc Health* 2013;6(1):98-120. Doi: <http://dx.doi.org/10.1080/2159676X.2013.766815>.
6. MacDonald DJ, Baker J. Circumstantial development: Birthdate and birthplace effects on athlete development. In: Côté J, Lidor R, editors. Conditions of Children's Talent Development in Sport. Morgantown: Fitness Information Technology; 2013, p. 197-208.
7. Vierimaa M, Erickson K, Côté J, Gilbert W. Positive youth development: A measurement framework for sport. *Int J Sports Sci* 2012;7(3):600-614. Doi: <https://doi.org/10.1260%2F1747-9541.7.3.601>
8. Rother RL. Análise da formação de atletas no voleibol brasileiro sob a perspectiva da teoria bioecológica do desenvolvimento humano. Lajeado/RS: Centro Universitário Univates; 2014.
9. Telford RM, Telford RD, Olive LS, Cochrane T, Davey R. Why Are girls less physically active than boys? Findings from the LOOK longitudinal study. *PLoS One* 2016;11(3):1-11. Doi: <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0150041>.
10. Eime RM, Harvey JT, Charity MJ, Payne WR. Population levels of sport participation: implications for sport policy. *MC Public Health* 2016;16:1-8. Doi: [10.1186/s12889-016-3463-5](https://doi.org/10.1186/s12889-016-3463-5).
11. Coutinho P, Mesquita I, Fonseca AM, Martin-Silva LD. Patterns of sport participation in portuguese volleyball players according to expertise level and gender. *Int J Sports Sci* 2014;9(4):579-592. Doi: <https://doi.org/10.1260%2F1747-9541.9.4.579>
12. Collet C, Nascimento JV, Folle A, Ibáñez SJ. Atividades de prática deliberada e jogo deliberado na formação esportiva de atletas de elite do voleibol diferenças entre os sexos. *EBM-J Sport Sci* 2017[acesso em 14 mai 2020];13(2):95-104. Disponível em: <https://e-balonmano.com/ojs/index.php/revista/article/view/388>.
13. Chalabaev A, Sarrazin P, Fontayne P, Boiché J, Clément-Guillotin C. The influence of sex stereotypes and gender roles on participation and performance in sport and exercise: Review and future directions. *Psychol Sport Exerc* 2013;14(2):136-144. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2012.10.005>
14. Fredricks JA, Eccles JS. Family socialization, gender, and sport motivation and involvement. *J Sport Exercise Psy* 2005;27:3-31. Doi: <https://doi.org/10.1123/jsep.27.1.3>
15. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional - Movimento é Vida: Atividades Físicas e Esportivas para Todas as Pessoas. Brasília: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento; 2017.
16. Deaner RO, Smith BA. Sex Differences in Sports Across 50 Societies. *Cross Cult Res* 2012;47(3):268-309. Doi: [10.1177/1069397112463687](https://doi.org/10.1177/1069397112463687).
17. Côté J. The influence of the family in the development of talent in Sport. *Sport Psychol* 1999;13(4):395-417. Doi: <https://doi.org/10.1123/tsp.13.4.395>

18. Galatti LR, Paes RR, Collet C, Seoane AM. Esporte contemporâneo: Perspectivas para a compreensão do fenômeno. 2018[acesso em 14 mai 2020];22(3):115-127. *Rev Corpoconsciência* Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/6444>
19. Coutinho PAS. O Percurso para a excelência no desporto: Estudo Retrospectivo de fatores de treino e psicossociais em voleibolistas portugueses. [Tese de doutorado]. Porto: Universidade do Porto; 2014.
20. Mendes FG. A trajetória esportiva de atletas de categorias de formação no voleibol brasileiro [Dissertação de mestrado]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2017.
21. Collet C, Nascimento JVd, Folle A, Mendes FG, Ibañez SJ. Juego y práctica deliberada en la formación deportiva de jugadores de élite del voleibol. *RICYDE. Rev Int de Cienc del deporte* 2018;54(14):322-334. Doi: <https://doi.org/10.5232/ricyde2018.05403>
22. Collet C, Nascimento JVd, Folle A, Ibañez SJ. Construcción y validación de un instrumento para el análisis de la formación deportiva en voleibol. 2019[acesso em 10 jun 2020];19(1):76-89. Disponível em: https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1578-84232019000100178
23. Côté J, Turnnidge J, Evans MB. The dynamic process of development through sport. *Kinesiol Slov* 2014[acesso em 14 mai 2020]20(3):14-26. Disponível em: <https://www.kinsi.si/en/archive/2014/264/dinamicni-proces-razvoja-prek-sporta>
24. Cassepp-Borges V, Balbinotti MAA, Teodoro MLM. Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. In: Pasquali L, editor. *Instrumentação Psicológica: fundamentos e práticas*. Porto Alegre: Artmed; 2009, p. 506-520.
25. Drost EA. Validity and reliability in social science research. *ERP* 2011[acesso em 10 jun 2020];38(1):105-123. Disponível: <https://www.erjournal.net/volume-38-1>
26. Aiken L. Three coefficients for analyzing the reability and validity of ratings. *Educ Psychol Meas* 1985;45(1):131-143. Doi: <https://doi.org/10.1177%2F0013164485451012>
27. Galatti LR, Côté J, Reverdito RS, Allan V, Seoane AM, Paes RR. Fostering elite athlete development and recreational sport participation: A successful club environment. *Motricidade* 2016;12(3):20. Doi: <https://doi.org/10.6063/motricidade.6099>
28. Henriksen K, Stambulova N, Roessler KK. Holistic approach to athletic talent development environments: A successful sailing milieu. *Psychol Sport Exerc* 2010;11(3):212-222. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2009.10.005>
29. Henriksen K, Stambulova N, Roessler KK. Successful talent development in track and field: considering the role of environment. *Scand J Med Sci Sports* 2010;20(2):122-132. Doi: <https://doi.org/10.1111/j.1600-0838.2010.01187.x>
30. Henriksen K, Stambulova N, Roessler KK. Riding the wave of an expert: A successful talent development environment in kayaking. *Sport Psychol* 2011;25(3):341-362. Doi: <https://doi.org/10.1123/tsp.25.3.341>
31. Bradley J, Keane F, Crawford S. School sport and academic achievement. *J Sch Health* 2013;83(1):8-13. Doi: <https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2012.00741.x>
32. Jewett R, Sabiston CM, Brunet J, O'Loughlin EK, Scarapicchia T, O'Loughlin J. School sport participation during adolescence and mental health in early adulthood. *J Adolesc Health* 2014;55(5):640-644. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.04.018>
33. Folle A, Nascimento JV, Souza ER. Estrutura e finalidades do ambiente esportivo: estudo de caso em clube de basquetebol feminino. *Rev bras ciênc mov* 2015;23(4):23-37. Doi: <http://dx.doi.org/10.18511/0103-1716/rbcm.v23n4p23-37>
34. Kytä M. Affordances of childrens environments in the context of cities, small towns, suburbs and rural villages in Finland and Belarus. *J Environ Psychol* 2002;22:109-123. Doi: <https://doi.org/10.1006/jevp.2001.0249>
35. Côté J, MacDonald D, Baker J, Abernethy B. When “where” is more important than “when”: Birthplace and birthdate effects on the achievement of sporting expertise. *J Sports Sci* 2006;24(10):1065-1073. doi: <https://doi.org/10.1080/02640410500432490>
36. Baker J, Schorer J, Cogley S, Schimmer G, Wattie N. Circumstantial development and athletic excellence: The role of date of birth and birthplace. *Eur J Sport Sci* 2009;9(6):329-339. Doi: <https://doi.org/10.1080/17461390902933812>
37. Hancock DJ, Coutinho P, Côté J, Mesquita I. Influences of population size and density on birthplace effects. *J Sports Sci* 2017;36(1):33-38. Doi: <https://doi.org/10.1080/02640414.2016.1276614>
38. MacDonald DJ, King J, Côté J, Abernethy B. Birthplace effects on the development of female athletic talent. *J Sci Med Sport* 2009;12:234-237. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jsams.2007.05.015>

39. Côté J, Baker J, Abernethy B. From play to practice: A developmental framework for the acquisition of expertise in team sport. In: Starkes J, Ericsson KA, editors. Expert Performance in Sports: Advances in Research on Sport Expertise. Champaign, IL: Human Kinetics; 2003, p. 89-113.

Agradecimentos: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) pela concessão de bolsas CAPES DS e PDSE

ORCID dos autores:

Carine Collet: <http://orcid.org/0000-0003-3742-4037>

Alexandra Folle: <http://orcid.org/0000-0001-8972-6075>

Sérgio José Ibáñez: <http://orcid.org/0000-0001-6009-4086>

Juarez Vieira do Nascimento: <http://orcid.org/0000-0003-0989-949X>

Recebido em 22/06/20.

Aceito em 31/03/21.

Endereço para correspondência: Carine Collet. Rua Pascoal Simone, 358. Bairro Coqueiros, Florianópolis/SC, CEP 88080-350. E-mail: carine.collet@udesc.br